

## **O NEGRO NA HISTÓRIA DO BRASIL: REPRESENTAÇÃO SOCIAL E/OU INVENÇÃO DO COTIDIANO**

**Carla Patrícia Marques de Souza** – Mestranda – IE/UFMT sob orientação da Prof Dr Nicanor Palhares Sá – [profcarladi@gmail.com](mailto:profcarladi@gmail.com) Cel: 96429705 – Endereço: Rua 09 – quadra 27, casa 03, cond. Recanto do Salvador, Recanto dos Pássaros – Cuiabá/MT – CEP: 78075-290.

**Maria Elizabete Nascimento Oliveira** – Mestranda – IE/UFMT sob orientação da Profª Drª Michèle Sato – [m.elizabt@gmail.com](mailto:m.elizabt@gmail.com) Cel: 96144600 – Endereço: Rua 30 – 66 apto 20. Residencial Brisa Boa Esperança – Cuiabá/MT – CEP: 78068-420.

### **RESUMO**

Este trabalho pretende apresentar resultados da experiência pedagógica vivenciada no ano de 2007, com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual União e Força, em Cáceres/Mato Grosso, na perspectiva da Lei 10.639/03. O objetivo do trabalho além de implementar a lei na referida unidade escolar busca compreender a partir das letras de músicas o papel instituído aos negros nas relações sociais e a sua representatividade por meio desta manifestação de cultura popular. Assim, os alunos tomaram como objeto de estudo a Música: Nega Maluca – que tem como intérprete o grupo - As meninas. Para compreender alguns dos sentidos apreendidos pelos educandos ancora-se como subsídio teórico em Michel de Certeau ao abordar as astúcias sutil do ser humano comum, para se desvencilhar das artimanhas impostas pelas representações sociais, Michel Foucault no que tange à instituição de outras verdades que contrariam a visão cartesiana e Paulo Freire, educador que vê a educação como uma das possíveis armas de emancipação do ser humano.

Palavras-Chave: música; história; negro; invenção; representação.

### **CONSIDERAÇÕES PRELIMNARES**

O presente trabalho pretende mostrar resultados de uma experiência pedagógica realizada no ano de 2007, com alunos do Ensino Médio da Escola Estadual União e Força, em Cáceres/Mato Grosso, na perspectiva da Lei 10.639/03. Esta lei surgiu após diversas mobilizações dos movimentos negros em favor de uma educação anti-racista e, em reconhecimento as injustiças e discriminações raciais sofridas pela população negra no Brasil. Ao sancionar a lei, o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva tornou obrigatório o ensino sobre a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira, incluindo-as nos conteúdos programáticos. A partir daí deveriam ser

ministradas em todo currículo escolar, especialmente, “nas áreas de Educação Artística, Literatura e Histórias Brasileiras”. No entanto, é possível que uma grande minoria de educadores mesmo após meia década de sua obrigatoriedade ainda a desconheça.

O trabalho em pauta teve como aparato teórico Michel de Certeau ao afirmar a necessidade de se traçar supostos caminhos para estudar o cotidiano, desviando o olhar dos “grandes personagens da história” para o herói anônimo (ser humano comum), que passa a fazer parte dos estudos durante a modernidade do século XVI. Segundo ele, esse estudo do cotidiano convoca uma multiplicidade de saberes e de métodos a serem aplicados para sobreviver em meio à sociedade de consumo. Desta forma, a pretensão de movimentar novos olhares acerca deste ser humano, tendo em vista que este sofre todo tipo de preconceito e humilhação. Com este intuito “os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público” (CERTEAU, 1994, p.57).

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as letras de músicas que tratam da temática das relações sociais, procurando fazer uma abordagem histórica do papel do negro e a sua representatividade por meio dessa manifestação de cultura popular; pois de acordo com Certeau (1994) o primeiro passo para se organizar o lugar de onde se reproduz o discurso, é reduzir as práticas e as línguas científicas para o país de origem e para a vida cotidiana. Desta forma, o autor aborda ainda que ao se olhar pra cima, as pessoas observam as construções, a ocupação dos espaços e os jogos de poder, quando se olha pra baixo, percebem-se a presença do homem ordinário, que tem que obedecer as regras impostas por outro grupo, sem ter assim como caracterizar as práticas organizadoras da cidade em que vive.

## **O NEGRO E A MÚSICA: REPRESENTAÇÃO SOCIAL E/OU INVENÇÃO DO COTIDIANO**

Nem o ser humano nem o mundo podem chegar à plenitude total, mas permanecem num constante vir-a-ser, sempre inacabados, abertos à possibilidade de inéditos viáveis.

Uma das músicas escolhidas para a análise e sobre a qual são apresentados os resultados foi “Nega Maluca”- As Meninas - da qual os alunos ao apresentar os sentidos atribuídos à nega possibilitaram um perceber o outro, ou seja, inferiram a esse novo sentido que não o imposto pela representação social que privilegia apenas a classe burguesa.

Ao apresentar a nega como alguém capaz de perder a cabeça devido à necessidade de dançar freneticamente, os educandos fizeram menção à habilidade da nega ao fazer malabarismos com o corpo, atribuindo-lhe assim característica positiva; além de chamar a atenção ao contágio pessoal que ela inferia sobre os expectadores. É afinal, segundo Certeau;

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nesses estratégias de combatentes existe uma arte de golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor (CERTEAU, 2002, p. 79).

Neste entremeio, Michel de Certeau aborda que há a necessidade de um estudo sobre a relação dos grupos sociais mais populares, tidos como “ordinários”, que inventam maneiras de fazer, astúcias silenciosas, para conseguirem escapar das imposições de uma classe social superior. A sociedade ordinária tenta, por meio de variadas práticas, burlar as normas de vigilância e se apropriar do espaço do qual fazem parte. Porém, as astúcias dos consumidores compõem assim uma chamada rede de antidisdisciplina.

Além disso, os alunos perceberam a intertextualidade possível entre a letra da música e a personagem Rita Baiana do livro “O Cortiço” de Aluísio Azevedo, livro que haviam acabado de ler. Esta relação, segundo os alunos, se estabelece principalmente quando ambas são representadas pelo lado da sexualidade e da atenção que despertam nas pessoas próximas; isto é, as formas como a figura da mulher nega, são

normalmente, atribuídas pelo social, vistas como simples objetos de desejo. Sendo assim, procuraram compreender essas personagens a partir de um paralelo entre as informações históricas e os sentidos que podiam atribuir aos textos, estes, em princípio, vistos apenas como pejorativos.

Porém, de acordo com a linguagem ordinária não existe uma única verdade, e sim várias que são passíveis de mudança, de acordo com os limites que lhes são impostos. Assim tanto Rita Baiana como a Nega Maluca também foram vistas pela ótica de que são mulheres que a partir da invenção do seu cotidiano procuram táticas de resistências a fim de mostrar que as multidões, sem qualidades, inventam caminhos que fazem com que buscam trilhas numa ruptura com a ordem social e a violência que permeia seu cotidiano.

A cidade, especialmente, o espaço destinado ao ser humano ordinário, é um conglomerado de interesses políticos e particulares, que deixam a vida urbana muito mais movimentada. A linguagem do poder é urbanizada e muitas vezes essa não é acessível ao ordinário. Assim, a prática da leitura é um veículo importante no processo de percepção do ser humano ordinário sobre o espaço que ocupa, bem como os mecanismos que ultrapassa. O ato da leitura faz com que o leigo passe a ter uma nova visão de mundo que o cerca.

Na passagem da música em que aparece o cadeirudo, os alunos chamaram a atenção para a semelhança com Jerônimo, amante de Rita Baiana; um europeu que é absorvido pelo novo meio, o cortiço ou favela. Outro ponto importante de observação é que na então sociedade considerando as características do cadeirudo este pode ser visto como alguém que iria satisfazer o desejo da Nega. Porém, considerando o contexto, é ela quem o seduz e, mesmo possibilitando a interpretação que ele iria satisfazê-la; assim como o personagem Jerônimo do cortiço; é de fundamental importância salientar a posição ativa das mulheres em que tanto o cadeirudo como Jerônimo são corrompidos pela sedução feminina; característica esta enfatizada em muitos segmentos sociais no que se refere à mulher afro-descendente, Jerônimo, por exemplo, se corrompe de tal modo que esquece seus costumes europeus.

Nessa perspectiva, pode-se estabelecer novo diálogo e delinear outro retrato a sociedade em que seja possível abandonar a visão patriarcal, que cabe o homem a tomada de decisão e a mulher a submissão, reinventando sentidos mais justos e igualitários; pois se compreende a partir dos sentidos atribuídos à referida análise que é

necessário ressignificar a educação e apostar em uma sociedade em que todos podem ser tratados de forma igual, sem ascensão de um sobre outro.

Embora a figura da negra continue a ser vista durante todo o processo histórico como representação negativa e objeto de prazer tal qual no período colonial sendo possível perceber a concepção naturalista de Aluísio Azevedo onde o meio é quem determina as ações e reações do ser humano, é também possível perceber as astúcias tanto de Rita quanto da Nega Maluca que embora pareçam passivas diante das imposições da ordem social, são pessoas que a partir da invenção do cotidiano age de forma ativa ao traçar o seu próprio destino; ou seja, agem naturalmente, de forma condizente com a realidade a qual lhes é destinada, sem deixar de ser felizes ou de fazer o que gostam. Assim, de acordo com Paulo Freire (2008):

“Ler um texto, sobretudo, exige de quem o faz, estar convencido de que as ideologias não morreram. Por isso mesmo, a de que o texto se acha empapado ou, às vezes nele se acha escondida, não é necessariamente, a de quem vai lê-lo. Daí a necessidade que tem o leitor ou a leitora de uma postura aberta e crítica, radical e não sectária, sem a qual se fecha ao texto e se proíbe de com ele aprender algo porque o texto talvez defenda posições antagônicas às do(a) leitor(a). Às vezes, o que é irônico, as posições são apenas diferentes”.

A mídia ao fazer uso dos produtos de imagem pública reforça os atributos negativos impostos ao negro, principalmente no que se refere à mulher negra e a concebe como um chamariz ao consumo do público masculino, isto pode ser perceptível nas propagandas direcionadas a homens. Porém, é preciso visualizar que também subjaz nesta procura a idéia da força presente no ser negro, ou seja, é possível inferir que por trás dos sentidos sempre haverá outros e que a representação do negro embora seja articulada na sociedade preconceituosa, quase sempre, no aspecto negativo; cabe ao educador, juntamente com seus educandos fazer uma construção aos avessos em que seja necessário desconstruir para organizar; pois:

De fato, quanto mais os oprimidos vejam os opressores como imbatíveis, portadores de um poder insuperável, tanto menos acreditam em si mesmos. Foi sempre assim e continua sendo. Uma das tarefas da educação popular progressista, ontem e hoje, é procurar, por meio da compreensão crítica de como se dão os conflitos sociais, ajudar o processo no qual a fraqueza dos

oprimidos se vai tornando força dos opressores em fraqueza. Esta é a esperança que nos move (FREIRE, 2008, p. 126)

Desta forma, ao articular estudos acerca da lei 10.639 nas escolas é preciso conscientizar-se que haverá uma ruptura ferrenha com os padrões cartesianos de ensino que se vem delineando nas instituições escolares; em que visa apenas idéias e ideais simplistas, encaixotados em apenas uma possibilidade de compreensão, como se fôssemos seres homogêneos e que, portanto, romper com esta falsa linearidade imposta no contexto escolar não é algo fácil, requer persistência e conhecimento acerca da história que se quer delinear visto que a história africana expostas nos livros didáticos tem caráter meramente eurocêntrico e, que portanto, quebrar com a falsa organização e representações estruturadas há décadas requer tanto do educador como da sociedade um novo pensar o mundo em que vivemos.

Para Certeau, existem muitos trabalhos notáveis que se dedicam a estudar as representações ou os comportamentos de uma sociedade, mediante as informações e imagens difundidas pela televisão e o tempo passado pelo consumidor-receptor, diante do aparelho. Na verdade o que mais chama a atenção desse estudioso, é a possibilidade de analisar o que observam, recebem e pagam os consumidores, bem como a apropriação e a reapropriação que este usuário realiza diante daquilo que lhe é imposto pelos meios de produção.

“[...] o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos. [...] mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião.” (CERTEAU, 1994, p. 47)

Na música, há uma retomada da necessidade do castigo para que a nega não saia do “trabalho” na passagem que descreve – [Samba lelê tá doente, tá com a cabeça quebrada, samba lelê precisava é de uma boa palmada...] – evidenciando a partir da letra da música de conhecimento popular que a nega está ali para cumprir o que seu dono e senhor ordena. Além disso, os educandos perceberam o sentido de que ao retomar as cantigas de rodas pressupõe certa ingenuidade, no entanto, o contexto possibilita um desvelamento dessa verdade ao reafirmar traços estigmatizadores que em nada corroboram para a construção pessoal e social do ser humano.

No entanto, também pode ser entendida como a necessidade de atentarmos para o fato de que ao trazer a cantiga de roda, conhecida por grande parte das pessoas, nos esteja alertando para pensar nessas representações sociais que aderimos como símbolo de verdade incontestável. Diante disso Foucault (1979) afirma “nunca a disciplina foi tão importante, tão valorizada quanto a partir do momento em que se procurou gerir a população. E gerir a população significa geri-la em profundidade, minuciosamente, no detalhe”.

Outro ponto captado pelos educandos na análise foi o fato de a música fazer referência às palmadas levadas pela nega. Mais uma vez, os alunos foram remetidos ao período da escravidão, quando os escravos eram severamente castigados. Daí derivou discussões que permitiram entrelaçar outros momentos históricos, além da compreensão de que apesar dos castigos explícitos terem terminado ainda continua o castigo velado sobre a “ingênua” representatividade do poder social. A música, assim, propiciou várias produções de sentidos que faz com que se possa apostar no inacabamento do ser humano e, assim, no quanto é possível aprender com o outro ou com os outros que compõem a nossa trajetória humana. Desta forma, enquanto educadora vale a pena acreditar que:

O resgate da importância do sonho, da esperança e da utopia é o caminho para a compreensão da história e da condição humana no mundo de forma profundamente dialética e libertadora. Nesse sentido, Freire reforça o valor do sonho e de uma educação da esperança conquanto características intrínsecas à própria natureza humana, que vai se fazendo a si mesma na história (ZITKOSKI, 2008, p. 191).

É possível observar que a estrutura social se articula num processo cíclico de exclusão, fator este predominante tanto na música quanto no fragmento do livro “O Cortiço” de Aluisio Azevedo; porém ao invés de lê-lo como artífices de um preconceito racial horrendo e excludente seja possível pensá-lo num outro limiar social em que aparece não apenas a denúncia das podridões realizadas pelo ser humano, mas outros sentidos que podem tornar-se coerentes e possibilitar novos sentidos e reflexões acerca da aparente verdade;

Desse ponto de vista, o escritor é também o moribundo que tenta falar. Mas, na morte que seus passos inscrevem em uma página negra (e não em branco), ele sabe, pode dizer o desejo que espera do outro o excesso maravilhoso e efêmero de sobreviver numa atenção que ele altera (CERTEAU, 2002, p. 303)

Nesta perspectiva vale delinear uma nova trajetória educacional em que se pautem no cotidiano dos educandos, que lhes dê abertura para que vislumbrem novos horizontes no fazer pedagógico tanto no que tange aos processos cartesianos de uma escola instituída em uma falsa igualdade entre seres humanos como no que se refere ao processo de leitura que visualiza sentidos já instituídos, reforçando o processo de exclusão.

Em consenso com Freire sempre se pode aprender coisas novas e, nesse sentido, é preciso aprender a aprender, ou seja, constituir conhecimentos novos considerando o aprendizado obtido com a interação com os outros. Desta forma, talvez seja possível trazer para o cerne das reflexões epistemológicas o ‘inédito viável’ proposto pelo autor, em que o sonho utópico sabe-se que existe; mas que só a práxis libertadora proposta pela ação dialógica poderá visualizar. Neste sentido o inédito viável torna-se um percebido destacado pelos que pensam utopicamente. Esses sabem, então, que o problema não é mais um sonho, que ele pode se tornar realidade (Freire, 2008, p. 206-207).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O envolvimento dos alunos neste trabalho garantiu-lhes a consciência da importância do negro na constituição da cultura e da sociedade brasileira e fomentou neles o desejo de conhecer um pouco mais sobre o homem comum, ou o ser humano ordinário, que tem que conviver com o que lhe é dado e cobrado, e mesmo assim consegue estabelecer relações possíveis com o meio em que vive. Esta imagem pejorativa do negro começa a mudar a partir da lei 10.639 que vislumbra novos olhares acerca da história e cultura africana.

A partir da interpretação da música “nega maluca” foi possível trazer para o cerne da sala de aula levantamentos que tornam possível perceber que os discursos que



veiculam na sociedade ocultam um emaranhamento de astúcias silenciosas e sutis que são eficazes para legitimar as diferenças e preconceitos que arrolam na sociedade brasileira; mas também apresentam sentidos que delineiam uma nova trajetória ao afro descendente ao estabelecer um pensar crítico em detrimento do pensar ingênuo que corrobora para a compreensão de que o negro inventa o seu cotidiano e de forma astuta está traçando uma nova trajetória histórica e social.

Para o negro, há a necessidade de invenção, ou seja, este é obrigado a inventar para si mesmo uma artimanha que o faça movimentar diante da magnitude dos sentidos e ideologias decorrentes da política vigente que utilizam dos fatos passados não para desconstruir a horrenda história do passado, mas para reforçar o preconceito e a superioridade do branco diante do afro descendente. Desta forma, a interpretatividade dos fatos que envolvem os afros descendentes é vista, em grande maioria, apenas pelo sentido que envolve o período da escravidão. No entanto, talvez seja necessário perceber que estes heróis, principalmente no que tange à lei da sobrevivência estão delineando com astúcias sutis o seu modo de viver.

E, de acordo com Certeau, é preciso dar voz àqueles que por tempos ficaram excluídos da história oficial; pois “este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas” (Certeau, 1994, p.57).

Enfim, ainda hoje existe uma estratificação social que atua para informar e conformar os leitores sobre as idéias proferidas por uma elite. A população neste contexto é levada a aceitar as idéias impostas (normativas), por outro lado, cabe ao leitor ter a autonomia necessária para filtrar tudo o que lhe é passado, e dessa forma tornar-se um ser informado e astuto capaz de compreender a trama que rege o mundo atual.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AZEVEDO, Aluísio de. *O Cortiço*. Rio de Janeiro, ática, 1991.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 8 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. (trad. Raquel Ramalhate). 21 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José; (orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.